

Deus é o Autor do Pecado?

Kenneth G. Talbot & W. Gary Crampton

Tradução: Felipe Sabino de Araújo Neto / felipe@monergismo.com

A questão diante de nós é uma que frequentemente se levanta com respeito ao Calvinismo. O argumento é declarado da seguinte forma: “*Se Deus está no controle absoluto do universo, pré-ordenando todas as coisas, e o pecado existe no mundo, então ele deve ser o Autor do pecado*”. Mas esta conclusão não é bíblica.

Qual prova temos de que simplesmente porque Deus pré-ordena ou decreta tudo que acontece (e.g., pecado), ele *deve forçar os agentes morais livres* a realizá-los? John Gerstner observa: “*Não vemos que seja impossível para Deus predestinar que um ato aconteça por meio da escolha deliberada de indivíduos específicos*”.¹ Gerstner está correto. Não há razão, seja qual for, para que este não seja o caso. A *Confissão de Fé de Westminster* diz:

Desde toda a eternidade, Deus, pelo muito sábio e santo conselho da sua própria vontade, ordenou livre e inalteravelmente tudo quanto acontece, porém de modo que nem Deus é o autor do pecado, nem violentada é a vontade da criatura, nem é tirada a liberdade ou contingência das causas secundárias, antes estabelecidas.

A onipotência, a sabedoria inescrutável e a infinita bondade de Deus, de tal maneira se manifestam na sua providência, que esta se estende até a primeira queda e a todos os outros pecados dos anjos e dos homens, e isto não por uma mera permissão, mas por uma permissão tal que, para os seus próprios e santos desígnios, sábia e poderosamente os limita, e regula e governa em uma múltipla dispensação mas essa permissão é tal, que a pecaminosidade dessas transgressões procede tão somente da criatura e não de Deus, que, sendo santíssimo e justíssimo, não pode ser o autor do pecado nem pode aprová-lo. (Veja também: Confissão de Fé (Batista) de Londres, 1689, Capítulo 2, Seção 1, e Capítulo 5, Seção 4).

Não há disputa de que o pecado é uma parte do plano de Deus na história. Nenhum cristão nega isto. De fato, de acordo com a Confissão de Westminster, o pecado ocorreu na história como uma parte do decreto de Deus. O cristão Reformado mantém que, de acordo com a Bíblia, Deus pré-ordenou o pecado. Pois se o pecado estivesse fora do plano de Deus, então teríamos que manter que Deus não controla todas as coisas, e que algumas coisas acontecem aparte da sua vontade soberana.

Se esse fosse o caso, então o pecado, ou o que o pecado trouxe ao mundo, seria mais poderoso do que Deus. Quanto da história estaria fora do plano pré-ordenado de Deus? A queda de Adão, a crucificação de Jesus Cristo, etc., seriam eventos que teríamos que concluir como estando fora da vontade de Deus.

¹ A Confissão de Fé de Westminster; Capítulo 3, Seção 1; Capítulo 5, seção 4.

Uma coisa útil para nós é lembrar que a Bíblia distingue entre vontade secreta e vontade revelada ou preceptiva de Deus. Em Deuteronômio 29:29, lemos: “*As coisas encobertas pertencem ao SENHOR, nosso Deus, porém as reveladas nos pertencem, a nós e a nossos filhos, para sempre, para que cumpramos todas as palavras desta lei*”. O que Moisés está dizendo aqui é que não podemos conhecer o conselho secreto de Deus; há muitas coisas que ele não escolheu nos dizer. Nós não temos um conhecimento exaustivo. Mas Deus nos deu a Bíblia (a vontade revelada), pela qual devemos viver. Esta é a vontade de Deus a qual somos responsáveis em obedecer.

A Escritura ensina que a vontade secreta e revelada de Deus operam em perfeita harmonia. Por exemplo, em Atos 2:23, lemos que Jesus foi “*entregue pelo determinado desígnio e presciência de Deus*”; e, todavia, Pedro diz: “*vós o matastes, crucificando-o por mãos de iníquos*”. Observe que a crucificação de Cristo foi de acordo com o propósito pré-ordenado de Deus – a vontade secreta. Mas ele a realizou por meio da ação de ímpios – que violaram a vontade revelada (isto é, o sexto mandamento, visto que eles tinham assassinado um homem [Cristo] inocente).

Deus não deixa a salvação dos seus eleitos ao acaso. Ele decretou que ela ocorresse “*na plenitude dos tempos*” e a realizou duma maneira que ele não fosse considerado o Autor do pecado. Deus foi a primeira causa divina, enquanto que os iníquos foram a causa secundária. Somente causas secundárias pecam.

Outro exemplo é encontrado no relato José e seus irmãos, em Gênesis. Os últimos, com ódio de seu irmão mais novo, venderam-no como escravo no Egito (37:12-36). Este foi um ato pecaminoso premeditado por parte dos irmãos. Todavia, em Gênesis 45:8, José declara: “*Assim, não fostes vós que me enviastes para cá [Egito], e sim Deus*”. Mais tarde lemos: “*Vós [os irmãos], na verdade, intentastes o mal contra mim; porém Deus o tornou em bem*” (50:20). O Deus Todo-poderoso tinha um plano, e ele o realizou por meio das ações pecaminosas de homens. Ele tinha enviado José adiante para o Egito, para que o seu povo tivesse alguém para socorrê-los durante os tempos de fome. O Deus de Israel estava envolvido de uma maneira real nas ações dos irmãos, mas ele permaneceu sem pecado durante todo o acontecido.

Várias tentativas anti-bíblicas têm sido criadas para tratar com o assunto da existência do mal:

- 1) Finitismo: Esta visão rejeita a onipotência ou soberania de Deus. O Deus da Bíblia é reduzido a pouco mais que um ser finito, que está fazendo o melhor que pode. Mas no final das contas, há outras forças (más) no mundo que são iguais ao poder de Deus. Satanás e a Deidade Triúna estão envolvidos numa batalha cósmica. Esperançosamente, Deus vencerá.
- 2) Fatalismo: O futuro de todas as coisas foi predeterminado por Deus (ou alguma força sobrenatural) de tal maneira que o homem não tem responsabilidade. Liberdade de escolha é uma ilusão. Nesta teoria, o homem pode dificilmente ser mantido como responsável. Isto é fatalismo ou Hiper-Calvinismo.
- 3) Negação do mal: Esta visão rejeita a realidade do mal, o que torna a necessidade da explicação dele desnecessária. O mal é ilusório; ele não existe. Mary Baker Eddy, fundadora da seita Ciência Cristã, adota esta posição. Ela

escreveu: “*O mal não tem uma realidade. Ele não é uma pessoa, lugar ou coisa, mas simplesmente uma crença, uma ilusão do sentido material*”.²

Como deveria ser óbvio para qualquer cristão, nenhuma destas três visões tem alguma fundamentação bíblica. Elas são tentativas humanistas de tratar com a questão da existência do mal no mundo, aparte do plano pré-ordenado de Deus.

Qual é a natureza do mal? Agostinho ensinou que ele é meramente a privação do bem. Ele escreve: “*Pois o mal não tem natureza positiva; mas a perda do bem recebeu o nome de mal*”.³ Isto é, Deus é o Criador de todas as coisas boas (Gênesis 1:31). Ele não criou o mal. O mal é meramente o oposto do bem, assim como as trevas é a ausência da luz. (Observe que Agostinho não está negando que o pecado seja uma força poderosa no mundo, o que seria praticamente concordar com Mary Baker Eddy. O que ele está afirmando é que o pecado não procede da mão criativa de Deus; ele é o oposto do bem de Deus).

A Bíblia fala dessa maneira. Como vimos, Deus decretou todas as coisas que aconteceriam. Nada está fora do seu propósito soberano, incluindo o pecado. Mas o decreto com referência ao pecado é um decreto permissivo. Isto é, é um decreto que torna o pecado uma certeza absoluta, mas que não produz o pecado por um ato divino direto. Como na crucificação de Cristo, Deus o pré-ordenou, mas homens ímpios livre e deliberadamente o praticam. Deus é o Autor dos agentes livres morais, que são os autores do pecado. (Nota: em João 8:44, Jesus chama Satanás de o autor do pecado).

Além do mais, a visão Calvinista não alega que o decreto de permitir o pecado, o mal, etc., é um **mero** decreto permissivo; isto é, que Deus permite suas criaturas pecarem, como se ele estivesse dizendo: “*Oh, está tudo bem; afinal de contas, todos os humanos são iguais*”. Deus abomina o pecado. Ele é contrário à sua natureza. Mas em sua vontade perfeita e secreta, ele achou certo decretá-lo como uma parte do seu plano para a história.

Alguns incrédulos, tais como David Hume,⁴ tem argumentado que a existência do pecado, da dor e do mal no mundo negam a veracidade das afirmações da Bíblia com respeito a Deus. Visto que o pecado, a dor e o mal existem, Hume mantém que:

- 1) Ou Deus não é poderoso o suficiente para eliminá-lo, em cujo caso ele não é onipotente;
- 2) Ou, ele é a causa dele ou não é benevolente o suficiente para causar a sua cessação; assim, ele não é um Deus bom.

Mas este argumento falha em reconhecer vários fatos bíblicos:

- 1) Como um resultado do decreto de Deus, o pecado aconteceu como um ato de rebelião contra Deus, não como um ato direito da Deidade (Gênesis 3).
- 2) Nem toda dor, sofrimento, etc., é necessariamente pecaminosa. Por exemplo, os pais algumas vezes precisam punir seus filhos, não a partir de um intento

² *Miscellaneous Writings*, pg. 21.

³ *City of God*, XI:9.

⁴ *Dialogues Concerning Natural Religion*, Parte 10.

mal, mas para educá-los para o próprio bem deles. Deus age da mesma forma com seus filhos (cf. Hebreus 12:3-11).

- 3) Deus nos disse que ele eliminará o pecado totalmente no dia determinado por ele. O segundo advento de Jesus Cristo conduzirá alguns ao dia do julgamento e outros ao Reino de glória (Mateus 25:31-46; 2 Tessalonicenses 1:5,10; 2 Pedro 3:3-13; Apocalipse 20:11-15; 21-22).

Interessantemente, Agostinho, num argumento *ad hominem*, mantinha que a existência do mal no mundo não contestava o Deus da Bíblia de forma alguma. Antes, ela substancia o fato de que ele é verdadeiramente Deus. Como vimos, o mal não pode existir aparte do bem; ele é a privação do bem. Portanto, a existência do mal necessita da existência do bem, que, conseqüentemente, necessita de um padrão de bem: Deus e sua Palavra.⁵

O cristão nunca deve pensar que ele pode compreender exaustivamente a mente de Deus. “*Ninguém conhece os pensamentos de Deus, senão o Espírito de Deus*” (1Coríntios 2:11, versão do autor). Sua vontade secreta não é para nós conhecermos; somos responsáveis pela vontade revelada, como encontrada na Escritura (Deuteronômio 29:29).

Mas embora não tenhamos um conhecimento exaustivo de como Deus está usando o mal em seu mundo para realizar os seus propósitos, sabemos que seus caminhos são perfeitos e devemos confiar nele como aquele que sempre faz o melhor. Certamente um Deus infinito, santo, bom e absolutamente sábio tem um bom propósito para todo o mal, dor e sofrimento que existe.

Por que Deus decretou o pecado, então? A última resposta é “*para a sua glória*” (Efésios 1:11; Romanos 11:33-36). Mas cada uma das razões pelas quais Deus escolheu esta forma de manifestar sua glória, não sabemos. Algumas coisas estão ocultas no conselho secreto do Todo-poderoso. Nas palavras de John Murray:

*Não devemos tentar descobrir as razões do seu [de Deus] conselho não revelado. Devemos nos curvar em humildade e adoração e dizer: ‘Não fará justiça o Juiz de toda a terra?’. E se tivermos dispostos a dizer: ‘Por que me fizeste assim?’; deveríamos nos lembrar da resposta inspirada: ‘Quem és tu, ó homem, para discutires com Deus? Porventura, pode o objeto perguntar a quem o fez: Por que me fizeste assim?’. Não podemos conhecer o Todo-poderoso com perfeição.*⁶

PASSAGENS ADICIONAIS DA ESCRITURA:

Gênesis 45:8 : “*Assim, não fostes vós que me enviastes para cá, e sim Deus, que me pôs por pai de Faraó, e senhor de toda a sua casa, e como governador em toda a terra do Egito*”.

⁵ *City of God*, XII:3.

⁶ *Collected Writings*, Vol. II, pg. 74.

Deuteronômio 29:29: *“As coisas encobertas pertencem ao SENHOR, nosso Deus, porém as reveladas nos pertencem, a nós e a nossos filhos, para sempre, para que cumpramos todas as palavras desta lei”.*

Provérbios 25:2: *“A glória de Deus é encobrir as coisas, mas a glória dos reis é esquadrinhá-las”.*

Atos 2:22-24: *“Varões israelitas, atendei a estas palavras: Jesus, o Nazareno, varão aprovado por Deus diante de vós com milagres, prodígios e sinais, os quais o próprio Deus realizou por intermédio dele entre vós, como vós mesmos sabeis; sendo este entregue pelo determinado desígnio e presciência de Deus, vós o matastes, crucificando-o por mãos de iníquos”.*

Atos 4:27-28: *“Porque verdadeiramente se ajuntaram nesta cidade contra o teu santo Servo Jesus, ao qual ungiste, Herodes e Pôncio Pilatos, com gentios e gente de Israel, para fazerem tudo o que a tua mão e o teu propósito predeterminaram”.*

Fonte: Capítulo 9 do livro *Calvinism, Hyper-Calvinism & Arminianism*, Dr. Kenneth G. Talbot e Dr. W. Gary Crampton, The Apologetic Group, p. 103-109.